



# Lágrimas incontidas na homenagem derradeira

A Praça da Independência, que muitas vezes acolhera Samora em vida em contacto directo, vivo e cheio de calor com o povo que tanto amava, foi terça-feira, dia 28 de Outubro findo, um recinto de luto e choro. Maputo, e através dela a Nação moçambicana toda, rendia a sua última homenagem ao

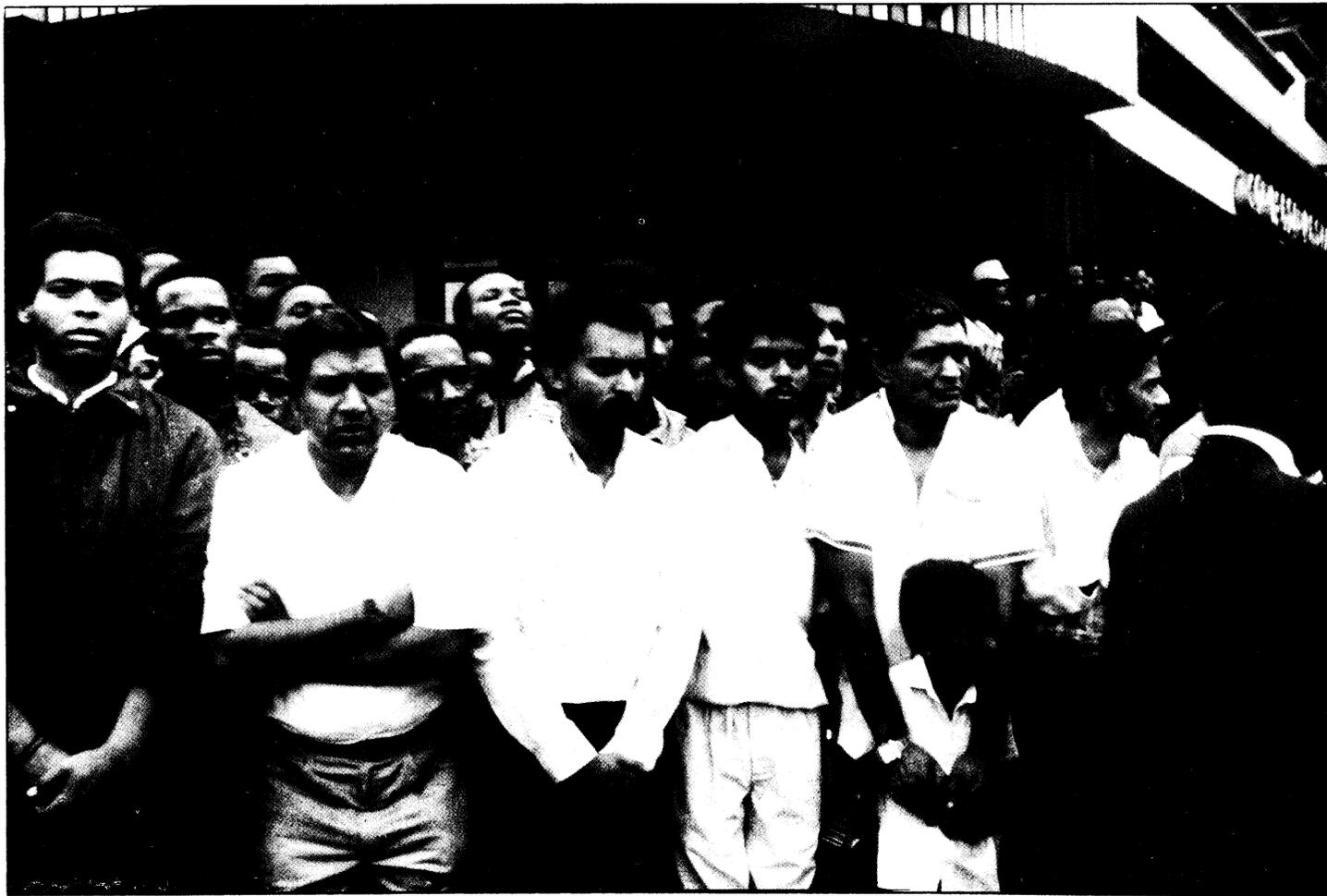
obreiro de tantas vitórias, ao Homem que soube fundir a sua história à História do seu povo, por quem acabaria sacrificando a vida. Samora foi a enterrar. No entanto, «à terra entregamos apenas o teu corpo. Tu ficas connosco». A História não se enterra.

Desde o anoitecer de segunda-feira, o céu cobrira-se de escuras nuvens, alimentando ligeiros chuviscos acompanhados por um vento frio e cortante. Terça-feira nasceu, assim, cinzenta. Logo às primeiras horas da manhã, entre

as centenas de pessoas que começavam a afluir à Praça da Independência, notavam-se alguns guarda-chuvas e capas impermeáveis dobradas e acomodadas por debaixo dos braços.

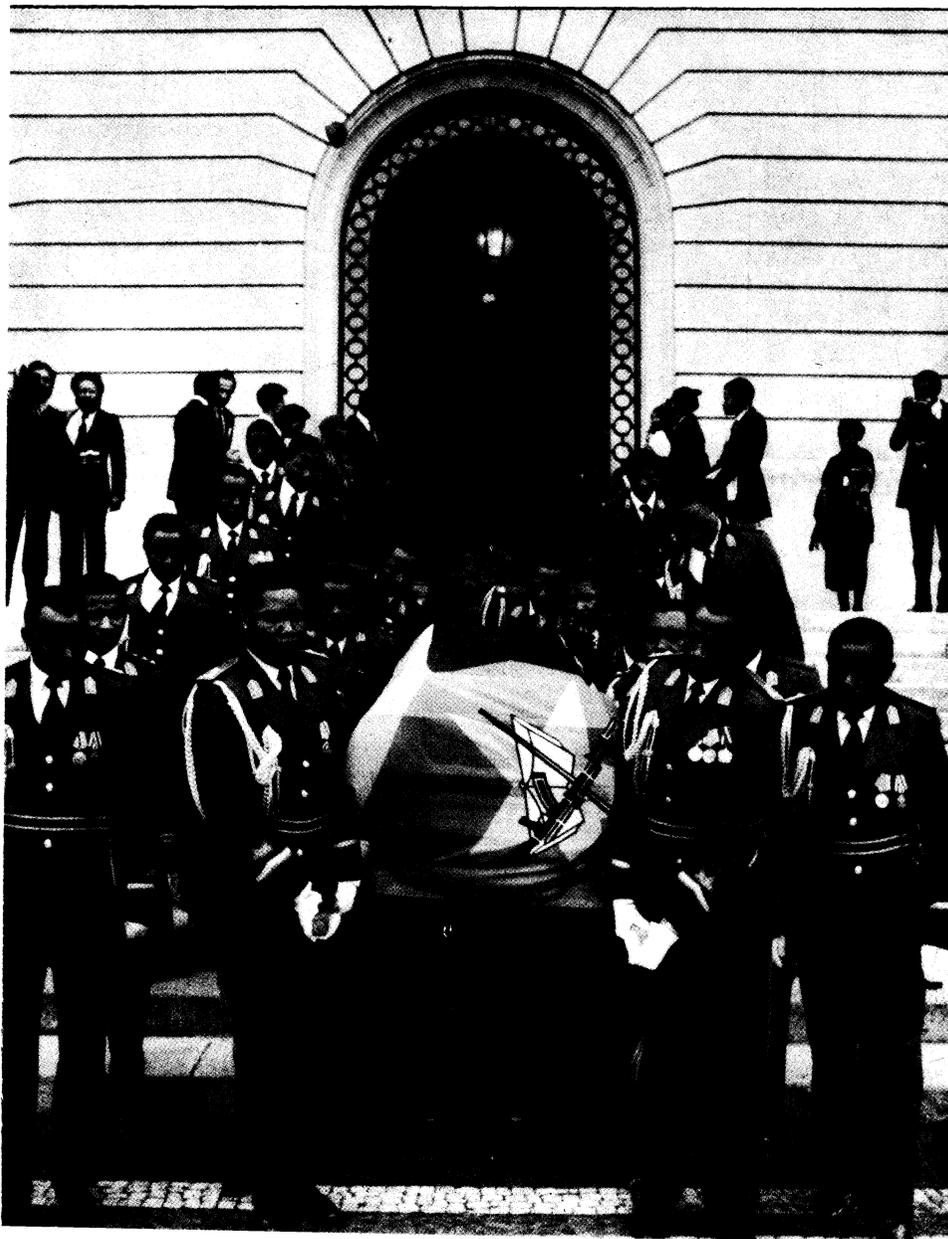
Cerca das oito horas, o recinto

já albergava um enorme semicírculo humano, enquanto na frontaria do edifício do Conselho Executivo os profissionais da imagem se afadigavam na montagem das câmaras de televisão e cinema, no estudo de uma ou outra posição





**Chefes de Estado e Governo presentes às cerimónias fúnebres ocuparam uma das alas do átrio do Conselho Executivo, numa última homenagem a Samora**



que daí a pouco facilitasse a captação das imagens do que seria o último adeus ao homem cuja memória não morrerá jamais: «Um povo não pode despedir-se da sua História», como o deixaria bem expresso o elogio fúnebre ao Presidente Samora Machel lido pelo membro do Bureau Político, Marcelino dos Santos.

Um por um, chegavam enquanto os estadistas que se quiseram associar a este momento de dor ímpar para o Povo moçambicano, dando entrada pela porta principal, no rosto a indisfarçável marca de uma consternação a que a palavra dificilmente pode dar corpo. José Eduardo dos Santos, Oliver Tambo, Nino Vieira, Pinto da Costa, Thomas Sankara, camaradas de luta, a mesma em que Samora Machel viria a perder a vida, foram dando entrada e tomando assento numa das alas do átrio do Conselho Executivo, enquanto cá fora a população ultrapassava as dezenas para entrar nas centenas, ultrapassava as centenas para atingir os milhares, numa massa compacta e silenciosa que se confrontava ainda com a brutalidade de um choque que nem o decorrer de uma semana tinha aliviado.

O céu ainda cinzento, as nuvens brindando a terra ora com um levíssimo chuvisco, ora com uma carga um pouco mais densa. Um choro além, mais outro e outro,



«Que lágrimas chorar por ti, se durante a vida toda, ao longo dos sacrifícios, das duras caminhadas ao encontro da liberdade, não nos ensinaste a chorar?»

ao Salão Nobre, onde Samora recebera nos últimos três dias as últimas homenagens, antigos combatentes preenchendo os lanços da escadaria.

Ao silêncio da entrada seguiu-se uma canção, ao som da qual a urna foi levantada por um grupo de militares que a foram colocar por sobre um cavalete ornado de cravos, junto à porta do acesso principal.

«Viverás sempre nos corações de todos os que amam a liberdade, a igualdade entre os homens, a paz, o progresso e o bem-estar dos povos». As palavras ecoavam por toda a praça, multiplicadas pelos olhos e ouvidos de todos os presentes. Zacarias Kupela lia a mensagem das Organizações Democráticas de Massas. Lá fora, gestos instintivos, a multidão apertava mais um botão no casaco, dava um jeito no sobretudo, enquanto o vento e a chuva apostavam na continuidade da sua presença: «Até sempre Camarada Samora». Levantou-se o coro a encher o átrio do edifício com mais uma canção, entoada pelos antigos combatentes, convidando os presentes a um acompanhamento sussurrado do refrão: «Frelimo ya wina»...

Um silêncio, logo depois rasgado pela firme voz do Ministro da Defesa: «Fica em paz. As Forças Armadas, a Polícia e Segurança que tu fundaste, ouvirão sempre

as lágrimas misturando-se à dádiva celeste, cimentando no chão os pés cujas vontades entendiam ser ali, cada vez mais, naquela ocasião, o seu lugar. Ninguém arredava pé.

A solenidade exterior da enorme moldura humana em nada perdia com a que no interior se vivia. Um interior igualmente pejado de gente — delegações estrangeiras, membros do BP, antigos combatentes — que num gesto único se pôs de pé, à entrada de Graça Machel. À esquerda desta, após sentar-se, estava a urna contendo os restos mortais do Presidente Samora Machel. À sua direita, na mesma fila, os filhos; soldados com os galardões que o Pai da Nação conquistara em vida e ao fundo, nas escadas de acesso

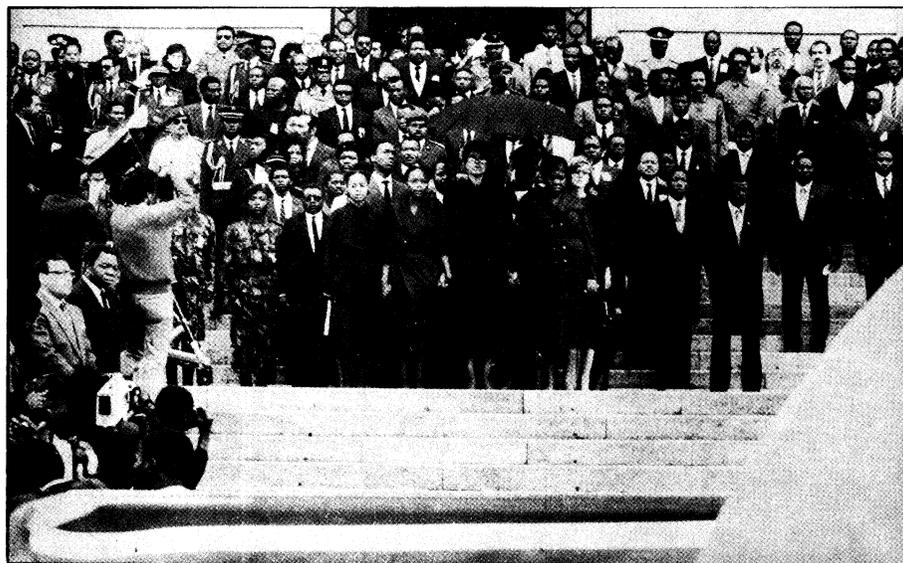
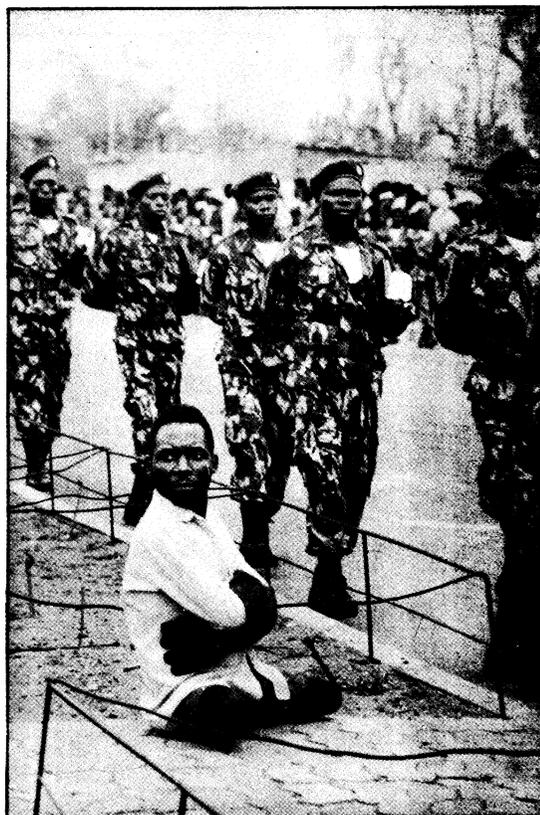


Membros do BP do CC do Partido Frelimo, ladeando a urna, fizeram uma parte do percurso a pé, até à Praça dos Heróis



**Homenagem última das Forças de Defesa e Segurança ao Marechal Samora Machel, na Praça da Independência**

« tua voz de comando, conuinua-  
 rão a obedecer a ela, porque ela é  
 a voz da Pátria moçambicana». Alberto Chipande dá novo vigor à voz e enche a Praça: «As ordens, Comandante-Chefe.» O fundo é o silêncio, a postura firme dos militares perfilados em frente à urna para lá do primeiro lanço das escadarias do Conselho Executivo, a atitude digna dos milhares que ali acorreram e que a custo continuam ainda a reter as lágrimas. Estas irromperiam definitiva-



**Familiares do Presidente Samora na escadaria do Conselho Executivo. A dor pungente de perder também o chefe da família**



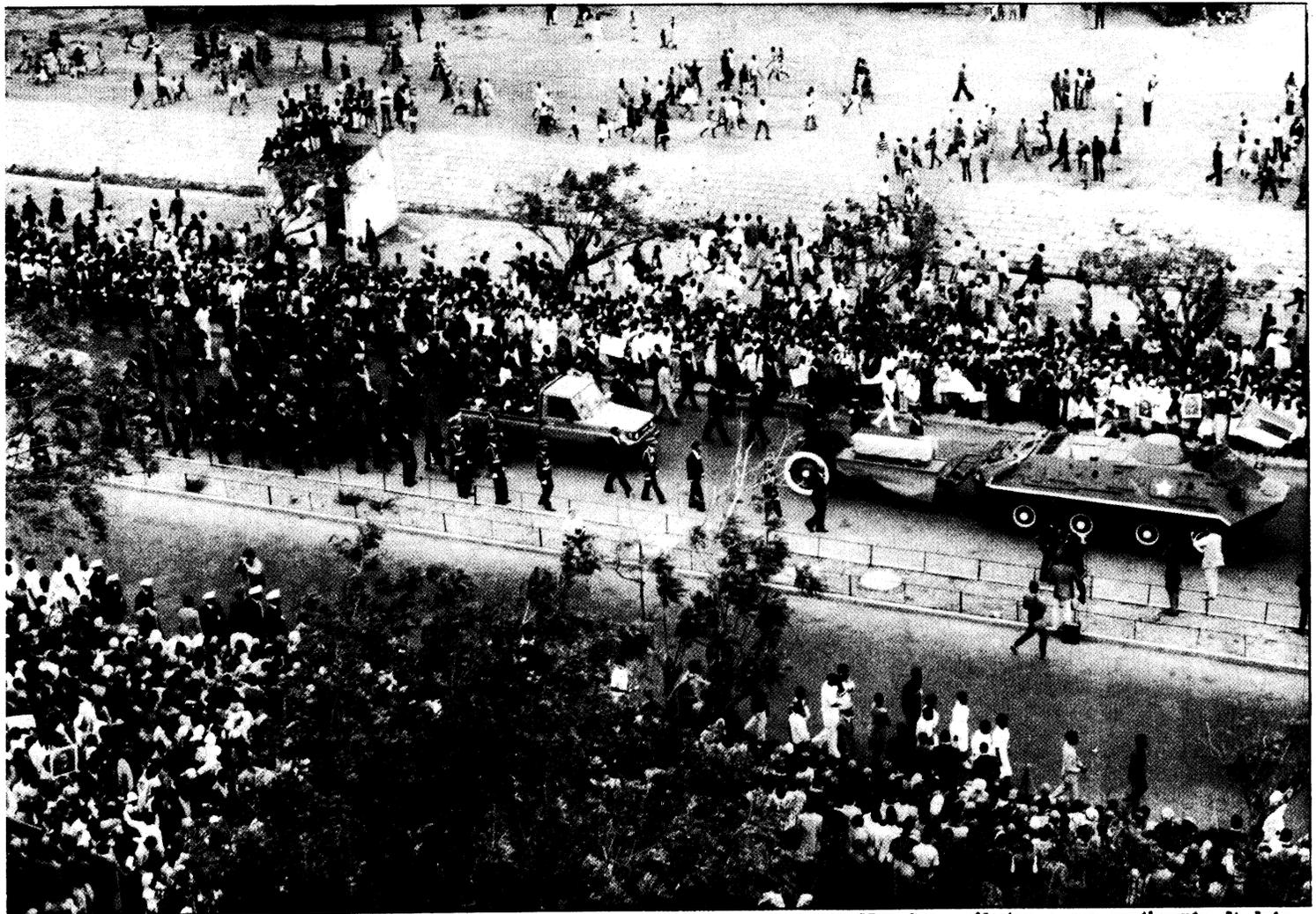
**As FAM (FPLM), abrindo o cortejo, renderam uma última homenagem ao seu Marechal**



A derradeira caminhada, para um repouso prematuro

mente com o elogio fúnebre lido por Marcelino dos Santos, ele próprio que as não soube conter. Foi, sem dúvida, o elogio que mais lhe custou em todos estes anos de luta e prossecução dos ideais que Samora lega à Pátria moçambicana, à África e ao mundo: «Que lágrimas chorar por ti, se durante a vida toda não nos ensinaste a chorar?» O consolo desta certeza: «À terra entregamos apenas o teu corpo. Tu ficas connosco.» Ao ulular do vento, à suave música da chuva, sobrepõe-se agora o avulmar do choro dos que enchem a Praça.

Logo de seguida, dois porta bandeiras abrem a cerimónia de prestação da última homenagem ao Marechal da República, com o desfile das Forças de Defesa e Segurança em frente à urna, ao som de uma marcha. Esta é depois des-



Passagem do cortejo fúnebre por uma das avenidas da capital: a população de Maputo manifestou o seu sentimento de luto



A Nação moçambicana ficou orfã do carisma do seu obreiro.



cida do átrio, carregada pelos braços de oficiais das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), que a vão depositar no armão militar que daí a pouco seria levado por uma viatura igualmente militar rumo à Praça dos Heróis Moçambicanos. Uma última homenagem na Praça da Independência seria ainda a salva de artilharia, que ressoou pela cidade fora.



«Nunca te diremos adeus. Um povo não se pode despedir da sua História»

Em marcha lenta, o cortejo fúnebre abandonaria a Praça tomando pela Av. Ho Chi Min, pela Karl Marx, Eduardo Mondlane e Acordos de Lusaka, rumo ao local de descanso prematuro do Presidente Samora Machel ao lado de outros companheiros de luta, aqueles que, como Samora, souberam confundir as suas vidas com a história deste país. Ao longo de todo este trajecto, a população verteu lágrimas sentidas e a expressão mais profunda de uma dor que palavra nenhuma jamais conseguirá retratar. □